

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS**

ALICE RODRIGUES MOTA

A DITADURA CIVIL MILITAR E O ENSINO DA ARTE NO BRASIL

**CRICIÚMA
2024**

ALICE RODRIGUES MOTA

A DITADURA CÍVICO MILITAR E O ENSINO DA ARTE NO BRASIL

Trabalho de Conclusão do Curso,
apresentado para obtenção do grau
de Licenciada no Curso de Artes
Visuais da Universidade do
Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. Dra. Aurélia
Regina de Souza Honorato.

**CRICIÚMA
2024**

ALICE RODRIGUES MOTA

A DITADURA CÍVICO MILITAR E O ENSINO DA ARTE NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em

Criciúma, 25 de junho de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Aurélia Regina Honorato () - Orientador

Prof. Esp. Izabel Marcílio Duarte - (UNESC)

Prof. Luis Gustavo

AGRADECIMENTOS - AQUELE ABRAÇO

Meu tempo no curso de artes visuais da UNESC foi um momento acima de tudo de muita introspecção - o que a meu ver dialoga muito com a descoberta da paixão pelas Artes Visuais, que é mais individual. Então, acima de todos, agradeço a mim mesma por não ter desistido, pelas noites chegando tarde em casa, dias de frio e chuva, por ter apresentado trabalhos mesmo muito ansiosa. Sou grata por esta caminhada de descoberta pessoal de mundo.

Agradeço a minha mãe por me proporcionar o conforto de pagar o valor da meia bolsa, pelas trocas de experiências como professora, por se orgulhar dos meus feitos e apoiar minhas escolhas. Agradeço meu pai por me ajudar a conseguir a bolsa, meu ex padrasto Júlio por me levar para conhecer a UNESC e minha avó por pagar o valor do ônibus.

Agradeço meus amigos por todos os momentos de leveza e descontração que me fizeram esquecer o peso dos prazos, por me ouvirem, e serem presentes sempre.

Agradeço a minha cachorrinha Mel por ter me feito companhia nos primeiros anos de universidade e hoje a minha cachorrinha Jade que também compartilha horas e horas de seus dias ao meu lado, embaixo das cobertas enquanto estudo, aquecendo meu coração.

Agradeço aos alunos que tive nesse percurso e só me fizeram ter certeza do quanto amo a educação.

Agradeço por fim as Artes Visuais e a música, minhas duas paixões, que andam juntas e me dão forças para ver um mundo melhor assim como também seguem sendo meu refúgio e caminho de expressão.

***“Eu digo não
Eu digo não ao não
É proibido proibir
É proibido proibir.”***

Caetano Veloso

RESUMO

Este trabalho investiga a influência da ditadura cívico militar brasileira no ensino de arte na educação básica que se iniciou a partir da questão problema: quais os reflexos que a ditadura civil militar apresenta ainda hoje no ensino da arte no Brasil? Meu objetivo geral é compreender os reflexos que a ditadura civil militar ainda apresenta no ensino da arte no Brasil. Seguindo a linha de pesquisa bibliográfica aqui dialogo no primeiro capítulo principalmente com: Galeano(2013) e Bueno (1999), no segundo utilizo da legislação com LDB, PCNs e BNCC, no terceiro e último capítulo além de trazer minha experiência com os estágios nas escolas trago como referências Ferraz a Fusari (2009).Na conclusão se entende que o caminho percorrido ao longo dos anos fez com que o ensino da arte tenha avançado para uma maneira muito mais progressista em comparação a época da ditadura cívico militar, no entanto ainda encontramos resquícios de uma ideia ultrapassada de educação nos dias atuais.

Palavras-chave: Ensino da Arte. Ditadura cívico militar brasileira.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Tirinha de Henfil sobre Elis Regina	17
Figura 2 - Capa do Disco Tropicália ou Panis Et Circenses	20
Figura 3 - Obra: Inserções em circuitos ideológicos: Projeto Coca Cola	23
Figura 4 - Obra: Seja Marginal, Seja Herói	

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- PMC Prefeitura Municipal de Criciúma
- ULBRA Universidade Luterana do Brasil
- AI Ato Institucional
- ARENA Aliança Renovadora Nacional
- MDB Movimento Democrático Brasileiro
- MPB Música Popular Brasileira
- DOPS Departamento de Ordem e Política Social
- PCB Partido Comunista Brasileiro
- ALN Ação Libertadora Nacional
- PT Partido dos Trabalhadores
- LDB Lei de Diretrizes e Bases
- USAID Agência dos Estados Unidos da América para o Desenvolvimento Internacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O REGGAE	11
Caminhos metodológicos	13
CAPÍTULO 1 - TRANSA HISTÓRIA DA DITADURA E ARTE DESTE PERÍODO BRASILEIRO	15
DESVIO DE PERCURSO UM: ANA	28
CAPÍTULO 2 - GENTE FINA É OUTRA COISA: ARTE E EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	29
DESVIO DE PERCURSO DOIS: SILEMAR	33
CAPÍTULO 3 - APESAR DE VOCÊ AMANHÃ HÁ DE SER OUTRO DIA: ENSINO NA CONTEMPORANEIDADE	35
DESVIO DE PERCURSO TRÊS: JORGE	38
PROJETO DE CURSO	39
COMO NOSSOS PAIS: CONCLUSÃO	43

1 INTRODUÇÃO: O REGGAE

Procurando descobrir a verdade
Nos meios das mentiras da cidade
Tentava ver o que existia de errado.
(Legião Urbana, 1984).

Quando minha mãe engravidou ela estava ainda na faculdade. Cursava História na ULBRA - (Universidade Luterana do Brasil) de Torres. Eu ouvia fatos históricos muito mesmo antes de nascer. A leitura sempre me foi incentivada, e antes de entrar na escola já sabia escrever meu nome e sonhava em saber ler.

Estudei em uma escola chamada Santa Rita, que fica no final da minha cidade (Torres- Rio Grande do Sul), minha mãe trabalha lá e por morarmos no centro íamos com o carro dela em 90% das vezes. Nesse caminho o som sempre estava ligado e em meio as conversas, das vezes que professoras dividiam o carro conosco, eu prestava atenção nas músicas. No começo eram os CDs e depois minha mãe teve que evoluir para pen drive conforme os carros também evoluíam.

A banda que com certeza mais me marcou foi Legião Urbana¹, eu sabia muitas músicas de cor, antes mesmo de saber o que as letras delas significavam. Outro hábito que tinha quando um pouco mais velha nesse trajeto para a escola era ler, lembro da minha mãe dizendo que eu ia deslocar minha retina por ler em movimento, eu tinha medo disso, mas segui com a prática.

Muito curiosa pelos livros, decidi ler uma biografia do Renato Russo². Este livro além da história pessoal do cantor também falava sobre o cenário político da época, que explicava então muitas letras. Logo mais, em 2013, surgiu o filme “Somos Tão Jovens”³ e, fiquei ainda mais imersa na história do Renato Russo e fascinada em como ele usava a música como forma de protesto. Foi também neste ano em que imergi profundamente na música, chegando a ficar com torcicolo de tanto tocar violão. Tive minha primeira banda e tudo que eu queria era me expressar artisticamente.

A Escola Santa Rita foi para mim um lugar de muito incentivo artístico, principalmente nas artes cênicas. Particpei de todos os teatros possíveis. Atuava, montava cenário e escrevia. Quando eu estava no nono ano estudamos sobre a

¹ Banda de Rock Brasileira

² Cantor e compositor da banda Legião Urbana

³ Filme Biográfico sobre a história de Renato Russo

ditadura civil militar e assistimos o filme “O que é isso companheiro?”⁴, que também me marcou muito, pois mostrava como pessoas não artistas ajudaram a combater a ditadura sendo militantes. Descobri então os movimentos organizados de luta armada, suas diferentes táticas para pedir por liberdade de colegas presos-políticos. As pessoas davam suas vidas e eram obrigadas a perder suas identidades em prol de não serem mortas pelo sistema.

No ano seguinte, quando entrei para o Ensino Médio, agora em outra escola, tínhamos uma disciplina chamada Seminário Integrado, que consistia em nos ensinar como formatar trabalhos e apresentá-los de maneira correta perante as normas, formaram-se grupos e o tema era livre. A professora mostrou alguns trabalhos antigos e um falava sobre o Nazismo⁵. Pensei então que poderia falar sobre um fato histórico, e assim sugeri o tema para meus amigos: Os Heróis da Ditadura Militar.

Falávamos neste trabalho sobre estas pessoas que morreram lutando contra o sistema, porém eu ainda não entendia tão bem a relação e a importância do meio artístico nessa época. A partir de então muitos trabalhos meus tiveram a ditadura como tema, e eu entendi que para além desse assunto gostava de arte de protesto de maneira geral, me interessando pelo movimento *hippie*, pelos estilos musicais de *blues*, samba e *rap*. Também no Ensino Médio tive uma professora que me marcou muito, era formada em artes cênicas e foi a primeira professora de artes que me marcou positivamente, suas aulas eram democráticas e criativas.

Ao ingressar no Curso de graduação em Artes Visuais me identifiquei com o “ativismo” e com a arte contemporânea. Minha visão artística e de mundo se expandiu, e artistas visuais começaram a fazer parte do meu fascínio. Durante o curso sempre que tive a oportunidade falei sobre arte, política e/ou arte brasileira e meu tema para esta pesquisa não poderia ser outro além de arte e ditadura. A licenciatura surge como um ponto de segurança para alguém que sonha em ser artista no Brasil. Sempre fui apaixonada por educação, só não sabia o quanto até entrar na universidade.

E, a partir deste contexto, apresento meu problema de pesquisa: quais os

⁴ Filme sobre o sequestro do diplomata dos Estados Unidos como forma de soltar presos-políticos organizado pelo movimento MR8

⁵ Movimento ideológico extremamente violento, contra minorias, que ocorreu na Alemanha entre 1933 e 1945. Matou entre 5 e 6 milhões de pessoas, causando um genocídio e pretendendo matar todos os povos que não pertenciam a raça ariana.

reflexos que a **ditadura civil militar** apresenta ainda hoje no ensino da arte no Brasil?

E, a partir desta questão central outras me norteiam e me orientam na investigação: O que foi a ditadura civil militar brasileira? Qual a relação estabelecida entre a arte e ditadura civil militar? Qual o lugar da arte na educação brasileira? O que a legislação brasileira aponta para o ensino da arte?

Busco nesta pesquisa investigar historicamente as interferências e as influências da ditadura cívico militar no ensino da arte no Brasil, levando em consideração o processo de censura no país e a produção artística neste período.

A estrutura deste trabalho se apresenta em capítulos, o primeiro intitulado “Transa”, fazendo referência ao álbum do cantor e compositor Caetano Veloso com homônimo, que foi escrito enquanto Caetano estava exilado em Londres após ser preso pelo sistema ditatorial. Também achei interessante usar o sentido da palavra como entrosamento, e o início da relação do leitor com o trabalho. Neste capítulo, falo sobre história/política explicando como surgiu como foi a ditadura, também sobre a arte da época.

O segundo capítulo intitulado “Gente Fina é Outra Coisa” traz esse nome como uma “ironia”, título de música da cantora e compositora Rita Lee. Os bons costumes glorificados pelos “cidadãos de bem”, ou seja, pessoas com ideologia política de direita que gostam de manter as boas aparências, mas que no fundo e no dia a dia a vida não funciona bem assim. A ironia acontece, pois, a educação na época da ditadura é demonstrada de uma maneira muito perfeita, assim como todas as outras partes do sistema e muitos até hoje acreditam nisso.

O terceiro e último capítulo tem como título “Apesar de Você Amanhã Há de Ser Outro Dia” em homenagem a música do cantor e compositor Chico Buarque, fazendo relação ao amanhã como o nosso hoje, já que a música fala de esperança por um amanhã sem ditadores. O capítulo fala sobre o ensino da arte contemporânea, que acontece felizmente em um país democrático.

Entrelaçando estes capítulos carregados de fatos históricos, coloco desvios de percurso de estudantes da época da ditadura militar fazendo relação entre história e vivências.

Caminhos metodológicos

Este estudo se insere na linha de pesquisa Educação e Arte, do Curso de Artes Visuais – licenciatura, que investiga os processos de ensino, aprendizagem e

criação, referindo-se às linguagens da arte e suas relações com as práticas pedagógicas. Tem como objetivo geral compreender os reflexos que a ditadura civil militar ainda apresenta no ensino da arte no Brasil. E como objetivos específicos: identificar e analisar os principais aspectos da ditadura civil militar brasileira; investigar a relação estabelecida entre a arte e a ditadura civil militar, destacando como essa relação influenciou o ensino da arte; analisar o lugar da arte na educação brasileira, tanto durante o período da ditadura quanto em contextos posteriores; examinar o que a legislação brasileira aponta para o ensino da arte, destacando possíveis continuidades ou rupturas em relação ao período da ditadura.

Toda pesquisa científica exige um método. No caso desta, o método escolhido para a investigação do problema e a busca do alcance dos objetivos, se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, pois “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo (Silveira e Córdova, 2009, p. 31). Também se apresenta como básica, que de acordo com Silveira e Córdova (2009, p. 34), “Objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência, sem aplicação de prática prevista”, visto que procuro realizar uma ampla revisão da literatura acadêmica sobre a ditadura civil militar brasileira, a relação entre arte e política nesse período, e o ensino da arte no Brasil, buscando identificar como as políticas e práticas educacionais foram influenciadas pela ditadura civil militar.

Quanto aos objetivos, seguindo a perspectiva de Gil (2002, p. 41), a presente pesquisa pode ser categorizada como exploratória, e bibliográfica, uma vez que “Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. No percurso da investigação proponho apresentar os resultados da pesquisa, discutindo os reflexos da ditadura civil militar no ensino da arte no Brasil e suas implicações para o contexto educacional atual. Assim como refletir sobre as possíveis continuidades e rupturas em relação ao período da ditadura, destacando desafios e perspectivas para o ensino da arte no país. E a partir daí propor recomendações para políticas educacionais e práticas pedagógicas que promovam uma abordagem crítica e democrática da arte na educação brasileira, considerando as lições aprendidas com o passado autoritário.

CAPÍTULO 1 – TRANSA: A DITADURA CÍVICO MILITAR E A ARTE NO BRASIL

“You don’t know me at all”. (You Don’t Know Me, Caetano Veloso, 1972).

You don’t know me at all - você não me conhece ainda, trago esse trecho de Caetano Veloso pois além dessa ser uma das minhas músicas prediletas de um dos meus discos prediletos da vida também apresenta o primeiro capítulo desse trabalho que você- leitor ainda não conhece.

Para falar sobre a ditadura cívico militar em nosso país é preciso entender o momento geopolítico da época, pois um acontecimento leva a outro. Em 1959 findou-se a revolução cubana, e o povo ganhou o poder do estado “Quando triunfou a revolução no primeiro dia de 1959, o desenvolvimento industrial de Cuba era muito pobre e lento...” (Galeano, 2013, p. 108).

O medo do comunismo na América Latina propagado principalmente pelos Estados Unidos visava obviamente a continuação da exploração de nossa força de trabalho e matéria prima, no livro “As Veias Abertas da América Latina, o autor Eduardo Galeano explica de diferentes maneiras o desgaste dos povos latinos:

Apossaram-se da vida e do destino da maioria dos povos do Sul, “Nossa” união faz a “sua” força, na medida em que os países, ao não romper previamente com os moldes do subdesenvolvimento e da dependências, integram suas respectivas servidões. (Galeano, 2013. P.354)

O golpe civil militar que ocorreu em 1964 no Brasil, já era premeditado há dez anos com a justificativa de combater o comunismo, com grande apoio e incentivo dos Estados Unidos. Enquanto o presidente da época João Goulart estava no Sul do país, aconteceu o golpe. “Os ministros obrigaram Quadros a renunciar “Forças terríveis se levantaram contra mim...” dizia o texto de renúncia” (Galeano, 2013. p. 219). O primeiro presidente desse período foi Castelo Branco, ainda que um militar ditador, também um homem que esperou o apoio da população para ajudar o golpe acontecer. Ele pertencia a linha branda dos militares que defendia uma volta rápida à democracia, porém foi entre 1964 a 1967, durante o seu governo, que surgiu o AI1 (Ato Institucional

número 1) que podia tirar o direito de voto de opositores para cargos ainda elegíveis, como também poderia cassar o mandato de opositores desses cargos.

No dia 11 de abril com a concordância relutante de Costa e Silva, Castelo Branco foi eleito presidente provisório, com 361 votos dados por um Congresso já expurgado (...), no dia 17 de março seu mandato foi prorrogado até 15 de março de 1967. (Bueno, p.256).

Apenas dois partidos eram permitidos: ARENA (Aliança Renovadora Nacional) como apoio ao golpe e MDB (Movimento Democrático Brasileiro) como oposição permitida e vigiada. O AI5 (Ato Institucional número 5), considerado o mais famoso dos atos, também surgiu no governo de Castelo Branco, esse consistia em dar legalidade jurídica para a repressão, podendo haver apreensão de objetos pessoais, torturas e prisões sem grandes motivos, já que não havia investigações, e o povo não podia cobrar. A população tinha medo de se expressar, em uma época tão violenta onde a censura era comum. “Naquele instante, o governo militar abriu mão de qualquer escrúpulo, abandonando de vez sua suposta busca pelo retorno à legalidade constitucional.” (Bueno, p.257)

1.1 A Música

Em meio a esse período de tanta repressão no país a arte foi uma alternativa muito usada para dar voz aos oprimidos, onde além das mensagens subliminares contra o governo, os artistas também exploraram estruturalmente em suas obras novas maneiras de produzir e se comportar, tendo a arte como manifesto pessoal e político. Na música, artistas influenciados pela Bossa Nova criaram a Música Popular Brasileira - MPB, que surgiu na década de 60, o gênero tentou buscar uma música brasileira essencialmente nacional. Por conta do contexto histórico em que surgiu, a MPB nasceu com um forte caráter de luta contra a ditadura e o golpe de 1964:

A expressão *música popular brasileira* e o acrônimo MPB, em relação à cultura política *nacional-popular* muito presente no Brasil dos anos 1960. Atualmente é algo aceito e plenamente incorporado pelos pesquisadores da música popular que a sigla MPB não é apenas uma abreviatura de *música popular brasileira*. Embora a sigla MPB seja composta de suas iniciais, ela evidentemente não identifica toda a música popular feita no Brasil, mas um subconjunto desta produção. Esta sigla surgiu num determinado momento histórico, os anos 1960, para designar um repertório que emergia no calor dos festivais e que foi se configurando como um ponto de convergência entre a Bossa Nova, as canções de protesto, os gêneros tradicionais de música popular no Brasil (samba, baião, marcha) e, num momento posterior, o

tropicalismo. Estava em curso um processo de redefinição e atualização da música popular no Brasil, iniciado com a Bossa Nova no final da década de 1950. Era também um momento de impasse da cultura política, articulada em torno da ideia do *nacional-popular* e de reorganização da indústria fotográfica e dos meios de comunicação no país. Todos estes ingredientes entraram na composição estético-ideológica daquilo que veio a ser rotulado de MPB. Vale lembrar também que o acrônimo MPB soava com uma certa similaridade com sigla política, e guardava semelhança com MDB (Movimento Democrático Brasileiro), o partido de oposição consentida no bipartidarismo imposto pelo regime militar, que tinha, naquelas circunstâncias, uma característica de frente política. (Baia, 2014, p. 11)

Desde os 15 anos sou apaixonada por MPB pela mistura de referências culturais dentro do estilo, que para além da música me parece até um movimento no sentido de modernizar a música brasileira, e assim também exercer um tipo de costume progressista para quem produzia em seu começo. Dentro desse estilo temos grandes nomes de luta como: a intérprete Maria Bethânia- que começou sua carreira participando do Show opinião - um espetáculo musical produzido no Teatro da Arena em São Paulo, nessas apresentações ela interpretava a música “Carcará” de João do Valle que contava sobre a seca do Nordeste ao mesmo tempo em que fazia alusão a um pássaro preso - como eram as pessoas na ditadura. Bethânia corporalmente representava a agonia da população com a repressão. Na letra Bethânia cantava: “Carcará, pega, mata e come, Carcará, não vai morrer de fome, Carcará, mais coragem do que home, Carcará, pega, mata e come. ”

(...) pode ser entendida enquanto uma alegoria: o carcará representaria o ideal libertário expresso na letra. Diferentemente do homem, devido à seca, a ave não passa fome no sertão, pois tem “mais coragem do que *home*”. Este verso e o “pega, mata e come”, sendo que este último entoado aos gritos, podem significar também uma contestação ao regime militar. A ave pode ser entendida enquanto uma alegoria de resistência à ditadura. (Silva, 2018, p.7)

O cantor e compositor Chico Buarque, que foi exilado na Itália em 1970 durante o governo de Emílio Garrastazu Médici, o terceiro presidente da ditadura e considerado o mais brutal e violento de todos. Chico Buarque conseguiu por muitas vezes driblar o sistema. Uma de suas grandes obras foi a música “Cálice” escrita junto com o cantor e compositor Milton Nascimento. A música fazia referência à um cálice como objeto, porém subliminarmente falava sobre o fato de os artistas precisarem estar calados em meio a censura. “Pai, afasta de mim esse cálice, afasta de mim esse cálice de vinho tinto de sangue. Como beber dessa bebida amarga, tragar a dor, engolir a labuta? Mesmo calada a boca, resta o peito, silêncio na cidade não se

escuta.”

Chico Buarque é um dos artistas que mais teve sua obra na época moldada ao protesto, exemplificando como a arte foi influenciada pela ditadura cívico militar.

É importante falar da cantora Elis Regina, que além de uma grande intérprete tecia comentários fortes contra a ditadura. Elis foi perseguida pelos militares que ficaram em frente a sua casa, em uma conversa com o intuito de chamá-la para cantar o hino nacional no exército depois de ela ter falado mal do governo no exterior em uma entrevista, disseram “sabemos que você tem um filho” em tom de ameaça.

Elis Regina foi duramente criticada por intelectuais de esquerda ao apresentar o Hino nas Olimpíadas do Exército, Elis cantou porque tinha medo. Henrique de Souza filho, mais conhecido como “Henfil” “enterrou” publicamente Elis Regina (e outros artistas que segundo ele apoiaram de alguma forma o governo).

Figura 1 - Tirinha de Henfil sobre Elis Regina



Após esse acontecimento, anos depois, ela interpreta a música de João Bosco e Aldir Blanc chamada “O Bêbado e a Equilibrista” em que canta “meu Brasil, que sonha, com a volta do irmão do Henfil, com tanta gente que partiu, num rabo de foguete, chora a nossa pátria mãe gentil” - falando sobre Betinho, irmão do Henfil um sociólogo referente na luta contra a fome que foi exilado durante a ditadura. Henfil se arrependeu de sua fala. Elis em seu início de carreira foi contra o movimento da jovem guarda, que trazia referências e influências do “*Rock n Roll*” em suas vestimentas, músicas e comportamento, mas com o passar do tempo aderiu a guitarra elétrica em suas músicas cedendo espaço para a modernidade, já que o moderno era também disruptivo por si só com o sistema.

Apesar de todas as vicissitudes de sua carreira na MPB, alavancada a partir de meados da década de 1960 foi sobretudo nos anos 1970 que Elis Regina se transformou, historicamente, em uma das representantes da resistência civil aos militares, ainda que, contraditoriamente sua trajetória no período tenha sido marcada por perseguições dos órgãos de repressão e por participações, até então, pouco esclarecidas em eventos militares.⁶ Seu nome esteve ligado às lutas pela “abertura política” e pela anistia. (Lunardi, 2014, p.4)

Elis também participou dos festivais de música da Rede de TV Record, ganhando em 1965 com a música “Arrastão” de Edu Lobo e Vinícius de Moraes. Elis também é muito conhecida por interpretar a música “Como nossos pais” do cantor e compositor Belchior, um dos grandes hinos contra a ditadura militar, na letra ela canta “por isso cuidado meu bem, há perigo na esquina, eles venceram e o sinal está fechado para nós que somos jovens.”

Ao contrário da MPB tínhamos também a Jovem Guarda que prestou manifesto através do estilo de vida rebelde indo ao contrário do que propagava a ditadura. Músicos que pareciam não se importar com nada, utilizando guitarras elétricas e jaqueta de couro, em um estilo mais americano. Dois grandes nomes da jovem guarda são: Roberto Carlos e Erasmo Carlos, que escreveram juntos muitas músicas.

A Jovem Guarda era engraçada, descompromissada e moderna. Gostava de calhambeques, botinhas sem meia, cabelos na testa, anéis brucutu e que tudo mais fosse pro inferno. Com sua alegria contagiante, arrombou a festa da bossa nova, do samba e da MPB”(Bueno, p. 266)

Era como uma guerra cultural interna entre representantes de música Brasileira querendo manter a cultura fechada às nossas brasilidades e roqueiros que pareciam não estar aí para a nada, além de si mesmos. Ambos os movimentos tiveram seu valor e formas de protesto, mesmo que de formas completamente diferentes. Em 1967 Elis promove a marcha contra a guitarra elétrica, nessa passeata estava presente, como apoio a amiga, o cantor e compositor Gilberto Gil, que contrariamente pouco depois após consumir a música da banda inglesa The Beatles, assistir o grupo” Banda de Pífanos de Caruaru” apoia e participa do movimento Tropicalista que mistura elementos nacionais e internacionais.

A Tropicália, é para mim, o maior movimento artístico contra a ditadura cívico militar, idealizado principalmente pelo músico Caetano Veloso, também influenciado pela psicodelia dos Beatles, a Tropicália buscou por romper barreiras e misturou elementos nacionais e internacionais em suas músicas. Muito influenciado pelo movimento do Cinema Novo que buscava trazer um lugar de artista ao diretor. Caetano assistiu ao filme “Terra em Transe” do diretor Glauber Rocha e ficou inspirado a criar a contracultura musical. Sobre o cinema novo, Glauber disse: “Queremos

fazer filmes anti-industriais; queremos fazer filmes de autor, quando o cineasta passa a ser um artista comprometido com os grandes problemas do seu tempo. Queremos filmes de combate na hora do combate.” (Bueno. p. 269)

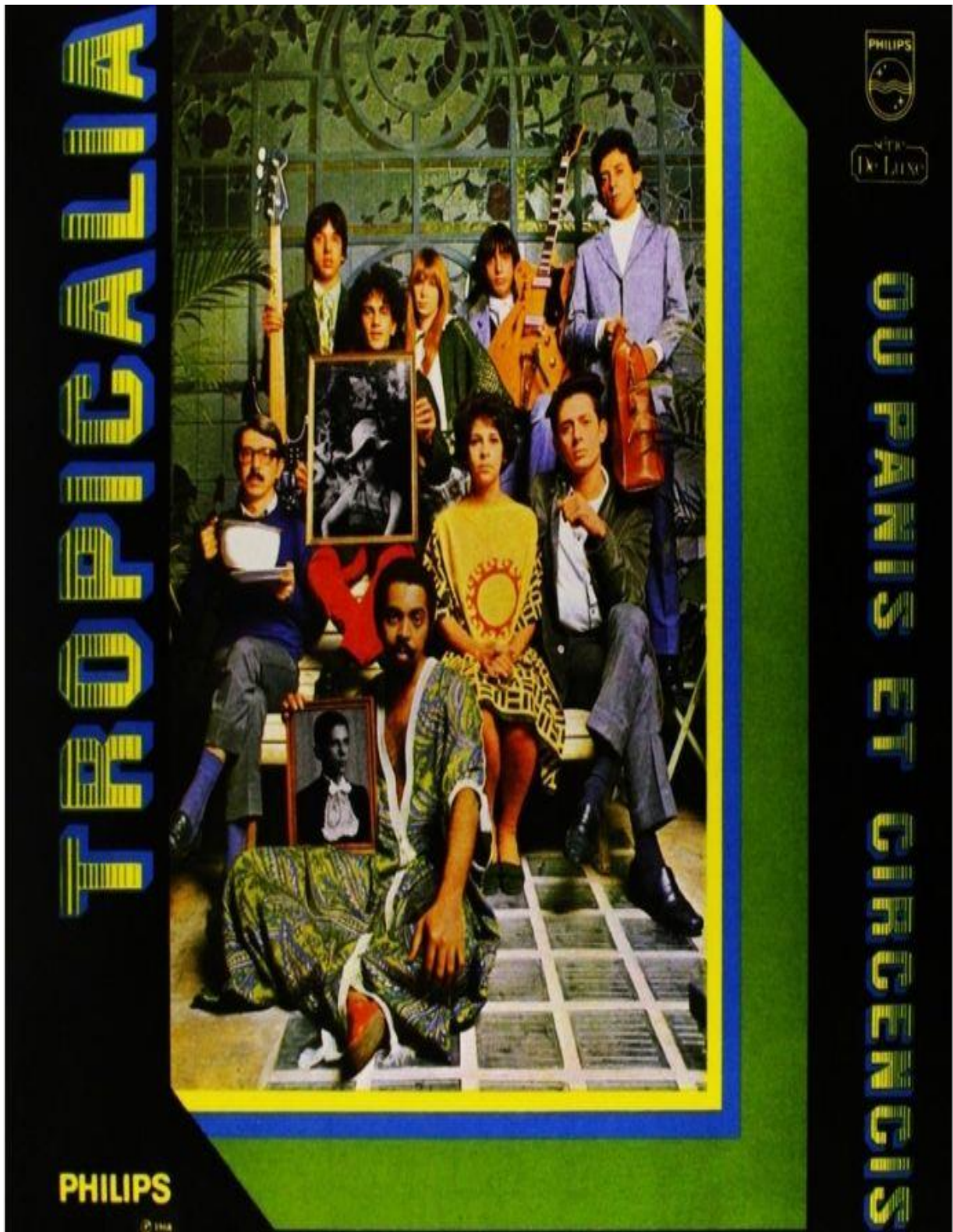
Caetano também teve a influência do teatro “O Rei da Vela” escrito pelo escritor modernista Oswald de Andrade, que já havia falecido. Dirigido por José Celso Martinez, realizado no teatro oficina, em São Paulo, com influência do teatro arena-ambos eram polos de liberdade artística e luta contra ditadura. A história conta sobre o casamento entre um novo rico- o agiota Abelardo que busca ascensão social, e Heloísa, uma aristocrata reacionária que procura melhorar sua vida econômica. A peça é uma sátira sobre relações por interesse político e monetário, ao mesmo tempo também satiriza o poder e o autoritarismo, criticando a direita e até mesmo a esquerda percorrendo um sentido mais anarquista.

Em 1968 o disco “Tropicália ou Panis Et Circense” foi lançado. O nome Tropicália surgiu como sugestão do fotógrafo Luiz Carlos Barreto, a inspiração era uma obra do mesmo nome do artista Hélio Oiticica que buscava uma vanguarda Brasileira. A obra "Tropicália" era imersiva, as pessoas iam caminhando por entre ela por lugares que remetiam a favelas, no final a pessoa terminava de frente para uma televisão que trazia a ideia de magnetismo ao olhar para uma tela que ao mesmo tempo olha para você. O disco Tropicália revolucionou a música Brasileira, trouxe a junção de elementos do nosso país com referências internacionais, fez críticas ao governo de forma direta e indireta. O álbum conta com diversos artistas, como a banda “Os Mutantes” que faziam de seu comportamento psicodélico e subversivo uma crítica direta ao estilo de vida que era almejado. Nara Leão, grande nome da Bossa Nova, apesar de não fazer parte do movimento foi uma grande apoiadora, os compositores e artistas se misturavam nas músicas ela interpretou a faixa quatro "Lindonéia".

Rogério Duprat fez os arranjos do disco, ele como um maestro foi muito inovador ao participar do movimento. O artista Rubens Gerchman produziu a capa do álbum, o fotógrafo Oliber Perroy tirou a foto. A ideia era trazer elementos nacionais e internacionais, e tinha a capa do disco “*Sgt Pepper Lonely Hearts Club Band*” dos Beatles como inspiração.

É possível ver na capa referências nacionais e internacionais, exemplificando:

Figura 2- Capa do disco “Tropicália ou Panis et Circenses”



A Tropicália é rica em tantas referências e artistas, por suas letras e até modo de comportamento contra o governo se tornou tão gigante na luta contra o governo ditatorial. Acho a estética psicodélica muito bonita, como sou apaixonada pelo movimento hippie, me apaixonei rapidamente pelo tropicalismo também. Aprendemos sobre Tropicália nas aulas de artes, história e língua portuguesa, tamanha é sua importância para a história do Brasil.

Foi também em 1968 que Caetano Veloso e Gilberto Gil foram exilados. O exílio aconteceu em Londres, após ficarem presos por quatro meses, várias de suas músicas haviam já sido censuradas pela ditadura que decidia o que o povo poderia ouvir ou não, sendo assim os artistas produziam e precisavam mandar suas obras para o governo no intuito de serem liberados a divulgar- ou não. Além disso foi na Inglaterra que Caetano Veloso escreveu um dos álbuns mais importantes de sua carreira- TRANSA- que mistura músicas em inglês e português e conta como foi difícil manter a distância do Brasil principalmente sendo ele alguém que ama tanto o país e sua cultura. “Gil e Caetano foram presos em 27 de dezembro, duas semanas depois da promulgação do AI-5. Após dois meses de prisão, ambos foram para o exílio, em Londres.”(Bueno, p.270)

A música foi a arte mais evidente dos anos oitenta, principalmente o “Rock n’ Roll”. Legião Urbana, com grande influência do movimento inglês punk- que se expressava de maneira mais direta e simples, tanto nas músicas, como nas letras.

Em seu primeiro disco intitulado “Legião Urbana” em 1985 no último ano da ditadura, meses antes do civil Tancredo Neves ser eleito ainda indiretamente, tendo o cargo de presidente assumido pelo vice Sarney, após sua morte. O letrista Renato Russo fez críticas diretas ao imperialismo norte americano na letra da música “Geração Coca Cola”, como viria até mesmo ser conhecido a geração dos anos 80. Renato anteriormente ao Legião Urbana integrava a banda “Aborto Elétrico” que tinha um repertório também muito crítico, muitas músicas foram censuradas, após 1985 entraram nos respectivos álbuns da Legião Urbana e da banda Capital Inicial formada pelos outros integrantes do Aborto Elétrico.

A faixa “Tédio (Com Um T Bem Grande Pra Você)” foi uma das músicas censuradas, ela entra no disco “Que País é Esse” onde a maioria todas as faixas trazem um teor político. Nela Renato Russo, que morava em Brasília, canta “Moramos na cidade, também o presidente, todos vem fingindo viver decentemente, só que eu

não pretendo ser tão decadente não”. “Tudo começou com roqueiros que moravam em Brasília- a cidade na qual o poder está tão próximo e tão longe; o reino do tédio para rebeldes com causa.” (Bueno, p.280)

Outra banda muito politizada dos anos 80, foi “Titãs”, em 1986 já depois do fim dos governos militares, lançaram um de seus maiores sucessos, o disco “Cabeça de Dinossauro”, que satiriza a violência militar e até mesmo o capitalismo. A música “Charles Chacal” iria entrar nesse disco, porém a pedido da gravadora nunca foi lançada, a música em questão falava sobre assassinato, e podia ser visto como um tema muito forte a ser lançado. Percebe-se assim que a censura continuou de maneira diferente mesmo após o período militar, o incentivo de quem detém o poder- as pessoas que tem dinheiro, muitas vezes compra o silêncio, à final quem possui os meios de produção, e isso se equivale ao cenário cultural também, pode escolher com maior facilidade o que vai ser dito, quando e onde.

Os Titãs, na década de 80, em seus primeiros esforços artísticos, tinham como objetivos expressar os descontentamentos de uma geração que, por conta de uma ditadura militar alicerçada por práticas sociais tradicionais/conservadoras, era impedida de se manifestar livremente.
(Feitosa, 2014, p. 136)

1.2 Artes Visuais

Quando ingressei no curso de artes visuais da UNESC pude conhecer artistas que protestaram contra a ditadura cívico militar de maneira visual, me interessei principalmente pela obra de Cildo Meireles. Em 2022 tive a oportunidade de visitar o museu a céu aberto Inhotim e ver suas obras ao vivo, foi mágico para mim o contato direto com um artista que admiro tanto, sendo ainda aluna percebi na prática como a arte nos causa identificação, e quero poder trazer para meus alunos artistas que façam eles se identificar e os de esperança de mudança através da expressão. Cildo contribui muito para a luta artística contra a repressão, foi em 1970 que ele produziu as “Inserções em circuitos ideológicos: Projeto Coca Cola” que consistia em gravar em garrafas retornáveis de refrigerantes Coca Cola opiniões críticas. A tinta branca era utilizada, e assim só aparecia quando a garrafa estivesse cheias. Uma das obras dizia “Gravar nas garrafas informações e opiniões críticas e devolvê-las à circulação.”



Figura 3- Inserções em circuitos ideológicos: Projeto Coca Cola”

Outro grande nome da arte visual de protesto é Hélio Oiticica, que também me causou curiosidade e conheci dentro do período da faculdade. Uma obra que gosto muito e foi importante como protesto é a frase “seja marginal, seja herói” a frase utiliza da palavra marginal com intuito de mudar a conotação negativa. Marginal seriam as pessoas a margem da sociedade, na ditadura- os que quebram o regimento do governo. Muitas pessoas eram consideradas bandidas só por ir contra o sistema.

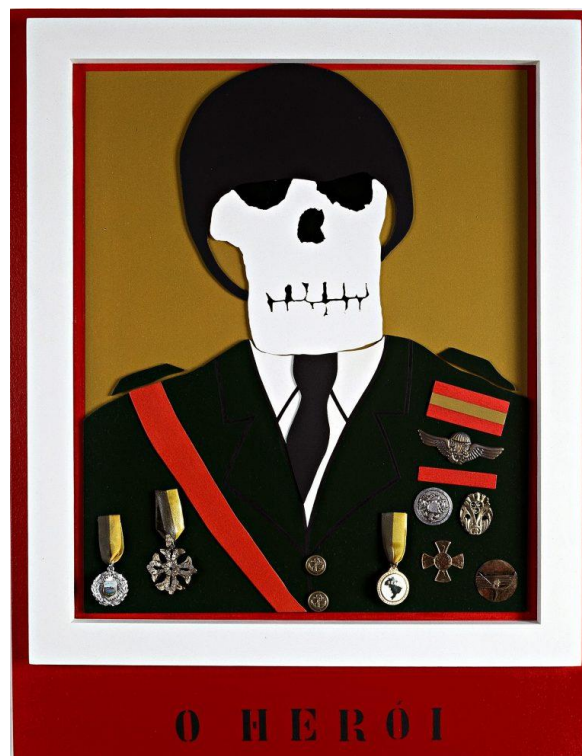
O movimento tropicalista faz também relação com a obra de Hélio Oiticica, que em 1969 lançou uma instalação intitulada Tropicália que consistia em um labirinto de madeira dentre eles diversos elementos brasileiros no qual o espectador que está em contato direto com a obra vivencia diferentes formas de brasilidade através de sensações. A obra em si intitula o futuro movimento e a música “Tropicália” de Caetano e Gil.

Figura 4 - Obra: Seja Marginal, Seja Herói



seja marginal
seja herói

Em 1976, sob o governo do terceiro presidente da ditadura militar, General Ernesto Geisel, que tentou um plano de volta à democracia de uma forma lenta junto a Golbery Couto e Silva. Outra obra visual que é interessante trazer ao trabalho é “O Herói” de 1966, da artista visual Ana Maria Maiolino. A obra faz a relação entre a exaltação dos militares como heróis, com suas medalhas e glorificação, ao mesmo tempo que carregavam consigo o peso de tantas vidas afetadas e até mesmo tiradas. Figura 5 -



1.3 O Movimento Armado

Para além dos movimentos artísticos me interessei desde cedo pela luta armada, que acontece através e somente da união e organização popular, causando respostas rápidas do governo, já que feria diretamente o estado.

O movimento principalmente nos anos de 1968 e 1974, o político e escritor Carlos Mariguella, filiado ao PCB (Partido Comunista Brasileiro) liderou a ALN (Ação Libertadora Nacional) grupo que buscava revolucionar o estado Brasileiro, Mariguella se inspirava muito nos cubanos e escreveu o “Manual do Guerrilheiro Urbano” como ajuda para movimentos e revoluções. Em 1969, Mariguella é assassinado à tiros dentro de seu carro: “Na versão oficial, ele morreu ao tentar “resistir à prisão.” A morte de Mariguella não foi o suficiente para sufocar a guerrilha, que com o sequestro de vários diplomatas, ela iria adquirir repercussão nacional e internacional” (Bueno,

1999, p.260).

Em 1979 entra o último presidente militar no poder, que fica até 1985 findando esse período. Foi no seu governo em que o país caminhou lentamente para a volta da democracia, houve eleições diretas para governador e até mesmo o Partido Político PT(Partido dos Trabalhadores) surgiu nessa época.

O PT nasceu fraco e menosprezado, numa mesa de um restaurante frango-com-polenta, em 1980, em São Bernardo dos Campos (SP). Era a ponta-de-lança de movimento sindicalista na região do ABC, que desafiara o governo militar ao deflagrar em 1978 e 1979, greves gerais nas quais mais de 300 mil metalúrgicos cruzaram os braços. Aos operários da indústria automobilística juntaram-se intelectuais de esquerda, as comunidades eclesiais de base, a Agricultura (Contag). (Bueno, 1999 p.275)




censurado

DESVIO DE PERCURSO 1, ANA:



Ana, sessenta e sete anos, professora aposentada, mora no Passo de Torres, estudou em Torres. No ano de 1979, Ana tinha 23 anos.

“O curso primário era realizado no Marcílio Dias (escola estadual de Torres), em cima do Morro do Farol (morro de Torres) até os anos 66/68, quando chegava no quinto ano fazia tipo um vestibular, era bem complicado, e quem passava ia para o Tietboehl (escola estadual de Torres), no Tietboehl era de primeira à quarta série que se chamava “Ginásio Industrial”, porque os meninos tinham marcenaria, mecânica, e as meninas corte de costura, crochê, tricô, essas eram as nossas aulas de artes. Tinha aulas de música separado. Essa eram as nossas aulas e foi tudo muito bom e proveitoso.



CAPÍTULO 2 - GENTE FINA É OUTRA COISA: ARTE E EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Se alguma coisa está errada eu preciso falar
A verdade.
(Gente fina é outra coisa, Rita Lee, 1973.)

Eu preciso falar sobre tudo que foi encoberto como majestosamente belo durante a ditadura, aqui nesse capítulo falando de arte/educação quero trazer a realidade do que tem por de trás da ideologia perante o sistema educacional da época.

É buscando entender como a ditadura cívico militar brasileira influenciou no ensino da arte na educação básica que esse segundo capítulo surge, construindo as relações de história para fim de termos fatos de embasamento entendemos melhor esse percurso, por isso preciso voltar um pouco no tempo para chegarmos até os dias atuais.

Foi em 1934, no primeiro governo de Getúlio Vargas na Assembleia Nacional Constituinte surge o tema de regulamentar e separar uma lei para educação dentro da constituição, nessa mesma assembleia é garantido o direito das mulheres ao voto e instituído o voto secreto.

a Constituinte de 1934 trazia como traço singular o fato de ser fruto de pressões de setores que, mesmo havendo participado do movimento revolucionário, encontravam-se à margem do aparelho de Estado. Figurando como exigência da contrarrevolução, em um primeiro momento, a proposta de convocar uma assembleia constituinte foi encampada pelo Governo Provisório, que tinha por chefe Getúlio Vargas, que lhe atribuiu novo (Araujo, 2003, p. 3)

Mas, foi apenas em 1961 no governo de João Goulart que a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) foi criada. João Goulart, como já discutido nessa pesquisa, tinha ideias consideradas progressistas, a LDB de 1961 garantiu as crianças a obrigatoriedade nos quatro primeiros anos de escola, o que para a época trouxe maior visibilidade e importância para o estar na escola.

A LDB de 1961, começa, sob meu ponto de vista, de maneira até mesmo poética: “Art.1º A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim: (...)”

Segue assim o título um abrangendo as liberdades e particularidades dos indivíduos, na busca de garantir o bem-estar pessoal do aluno, uma ideia muito progressista se tratando do ano de 1961. Porém no título dois, o qual se refere do

direito a educação, o parágrafo único: “À família cabe escolher o gênero de educação que deve dar a seus filhos” trazia um sentido de liberdade perigoso, pois deixava aberto a interpretações.

A estrutura escolar se dividia da seguinte maneira: Curso primário: com quatro anos, podendo se estender até seis. Era obrigatório à partir dos sete anos e apenas a língua nacional era utilizada, o que pode-se entender atraso ao estudo de línguas estrangeiras.

Ensino médio, com duração de sete anos, com disciplinas optativas e obrigatórias, dividida em duas partes: o ginásial com duração de quatro anos, e o colegial com três anos. No colegial o aluno poderia escolher entre três opções: técnico- para algum curso técnico, normal- para se formar professor e secundário- que tinha disciplinas designadas apenas para a educação do aluno.

Apesar de a primeira LDB também ter essas características é na LDB de 1971 onde o trabalho entra como principal participante.

O primeiro artigo da LDB de 1971 diz:

Art. 1º O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.

É possível logo aqui já entender que essa LDB visava uma educação que resultasse ao aluno ser uma boa força de trabalho, seguindo assim a tendência tecnicista, na qual a técnica é o centro da importância, onde o professor ensina e o aluno tem apenas o papel de receptor do conteúdo. Percebemos aqui que meus questionamentos quanto aos reflexos do governo autoritário para com a educação se respondem ao longo do percurso do trabalho: quem governa faz as leis da educação, e nós as seguimos, por isso é essencial termos o poder da escolha e assim garantir nossos direitos.

A obrigatoriedade era manter crianças e adolescentes entre sete e quatorze anos, quanto estrutura escolar da LDB de 1971 também muda, dividindo-se em duas partes: o primeiro grau que durava oito anos e era destinado a um “ensino geral” e o segundo grau que duraria três anos para um ensino técnico, visando a profissionalização do aluno. Era possível fazer as três séries do segundo grau entre dois e cinco anos.

Em 1982 a emenda sobre a profissionalização do ensino médio é revogada,

pois as escolas em grande parte do país não tinham a capacidade estrutural de manter a boa qualidade de ensino a ponto de gerar futuros bons profissionais.

Na educação tecnicista, professores e alunos são executores de um movimento coordenado por supostos especialistas. Será o processo e não mais a relação professor aluno (como no escolanovismo) que decidirá o que docentes e discentes deverão executar (SAVIANI, 2008). Ocorre uma busca que pretendia superar a incompetência, a ineficiência improdutivo. Por isso, era necessário formar indivíduos eficientes, capazes de contribuir para o aumento da produtividade na sociedade. Na pedagogia tecnicista o enfoque fôra no aprender a fazer, em detrimento da pedagogia tradicional, centrada no aprender e da escolanovista, no aprender a aprender. (SAVIANI, 2008) (Peixoto e Nunes, 2016, p. 3)

Seguindo essa tendência os professores deveriam também buscar por usar elementos tecnológicos- que fazem parte de uma tentativa de modernização e praticidade para os alunos. Os planejamentos deveriam ser detalhados e seguidos à risco tirando assim a possibilidade de liberdade e diálogo, enfatizar o aprendizado as um caminho somente prático é ensinar na intenção de não gerar questionamentos, formando cidadãos para o trabalho como intuito único. O livro “Metodologia do Ensino da Arte de Maria Heloísa C de T Ferraz e Maria F de Rezende Fusari, tem referência do educador José Cerchi Fusari ao falar sobre a consequência do ensino tecnicista para a vida dos professores, no texto ele conta que “um resultado desastroso da influência tecnicista na educação escolar foi a descrença gerada no professorado.”

Pois, ao trazer tanto mecanismo para o planejamento causou assim um desprazer ao trabalho de pensar uma aula. Como o próprio nome já diz, a técnica era valorizada na aprendizagem, sendo assim eram usados como conteúdo, por exemplo: desenho de observação, quanto mais exata a cópia melhor.

A educação escolar, como já explicitado anteriormente, tem um caráter de intencionalidade (objetivos educacionais) e sistematização (atenda às características de intencionalidade (objetivos educacionais) e sistematização (atende às características dos sistemas de ensino, por exemplo, a seriação, ciclos etc.) (Ferraz, e Fusari, 2009, p. 52)

Voltando à LDB de 1971, podemos ver que foi nela onde ensino da arte implementou-se de maneira obrigatória, porém o intuito era de profissionalizar as pessoas de maneira que o desenho técnico era valorizado. Multinacionais estavam chegando em nosso país e foi com apoio da USAID (Agência dos Estados Unidos da

América para o Desenvolvimento Internacional) em nossa educação.

“Celebraram-se acordos de financiamento da educação brasileira, intermediados pela USAID 1, e foram assinados vários contratos de cooperação, os “acordos MEC-USAID” (SAVIANI, 2010). Este é um fato sintomático da formação discente em nosso país, a educação sendo financiada por grupos estrangeiros com o objetivo claro de a nossa mão de obra, da nossa inteligência, estarem a serviço de interesses externos e não efetivamente servindo a construção de um projeto de nação voltado para os nossos reais interesses.”
(Peixoto e Nunes, 2016, p.6)

O artigo em que obriga o ensino da arte trata ele como “educação artística” e impõe outras obrigações:

Art. 7º Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969.

A educação de arte foi implementada como atividade educativa e ainda não como disciplina, e apesar do caráter tecnicista financiado pelos Estados Unidos, sobre o ensino, Ana Mae Barbosa fala: “no currículo estabelecido em 1971, as artes eram aparentemente a única matéria que poderia mostrar alguma abertura em relação às humanidades trabalho criativo, porque mesmo filosofia e história haviam sido eliminadas do currículo.” (2019, p. 170).

Percebe-se assim que a arte é um refúgio para as pessoas, que mesmo em um período tão repressivo encontravam, pois, precisavam de uma maneira para se expressar.



censurado

DESVIO DE PERCURSO 2, SILEMAR:

Silemar, professora, sessenta anos, estudou em Criciúma, onde hoje mora.



Em 1979, Silemar tinha 16 anos.

“1968 - aproximadamente - data em que foi fundada a FUCRI, hoje Unesc, eu com apenas 4 anos já me via uniformizada com uma bandeirinha branca nas mãos para receber um político que visitava a cidade (não lembro quem era, mas o militarismo era forte, não podíamos sair da fila). No jardim de infância já aprendíamos que marchar e ficar em posição de sentido para a bandeira do Brasil era obrigatório, assim como formar uma fila super alinhada). O desenho era a linguagem que predominava já no jardim, lembro de costurar seguindo as linhas do desenho sobre papel.

1970 - entrei para a escola - Educação básica.

Era realizado um teste para ver se as crianças iriam para o primeiro ano A, B ou C. Quando fiz o texto, aos 7 anos, já sabia ler e escrever.

Conhecia os números e sabia fazer contas. Fui colocada no segundo ano A. O foco era o conteúdo e não a criança em uma educação dentro de uma tendência pedagógica tecnicista. Nossas aulas de artes envolviam: desenho cego, desenho de imaginação, pintar desenhos prontos e sempre que possível tínhamos que fazer a margem na folha branca de tamanho A4.





censurado

DESVIO DE PERCURSO 2, SILEMAR:

Na década de 80 - precisamente em 1983 iniciei a graduação em Educação Artística. Como tinha facilidade para o desenho, me chamaram para dar aula de Educação Artística e Preparação para o Trabalho, iniciei com ACT em uma escola do estado, somei ainda à experiência de atuar como professora de Educação Religiosa.

No ano em que me formei - 1986/87 - Comecei a trabalhar em uma escola do Senai - dava aula de Português e Matemática - uma formação básica para adultos que iriam fazer cursos técnicos profissionalizantes. Logo assumi a disciplina de Desenho Mecânico, minha graduação em Artes Visuais tinha na matriz as disciplinas de Desenho Geométrico, o que me ajudou bastante nesse curso do Senai.

Atuei na escola com turmas do 5º ao 9º ano com a disciplina de Educação Artística já em 1987/8 - em escola estadual - logo que me formei me efetivei no estado.

Em 1987 recebi um convite para trabalhar no Colégio Marista por ter habilidade com desenho geométrico e esta era a função das aulas de artes, preparar para o vestibular, para o trabalho, para as questões mais técnicas.

CAPÍTULO 3 - APESAR DE VOCÊ: ENSINO NA CONTEMPORANEIDADE

Apesar de você, Amanhã há de ser
Outro Dia Apesar de você
(Chico Buarque, 1970).

O nosso hoje era o amanhã dos artistas e professores da época, essa música de Chico Buarque traz uma esperança crítica ao que não era democrático. A censura que os artistas passavam no país durante a ditadura e seus resquícios após, me fizeram questionar como isso se implicou no ensino da arte e se ainda existem resquícios até os dias atuais. Como futura professora busco uma escola democrática para poder ensinar seguindo a história da arte como ela é, como artista espero que meus alunos possam de expressar livremente através de suas produções, colocando sentimentos e opiniões.

Uma escola que não faz os alunos pensarem e criticarem, os quer como futuros cidadãos que apenas concordam com quem detém o poder, por isso também é necessário assegurar que tenhamos uma tendencia pedagógica que vise o progresso do aluno. A tendência tecnicista imposta como sistema de educação na ditadura servia muito bem ao sistema capitalista que ainda vivemos, por isso é comum que essa representatividade ainda aconteça dentro da sala de aula, com professores que tiveram essa educação, ou seguem a ideologia de viver para o capital.

Dentro dos meus estágios como professora de artes para diversas faixa-etárias e diferentes professoras me supervisionando vi exemplos de uma educação ainda problemática no sentido de se manter em demasia nesse passado do tecnicismo. Um exemplo é: a falta de uso da criatividade nas propostas de atividades, percebi alunos ficando perdidos ao se depararem com a possibilidade de “criar algo”, o uso da apostila imposta pelo estado- que era comum na teoria tecnicista, a valorização do aluno quieto por não “incomodar”, mas sabemos o quanto a troca e o diálogo é necessário para uma escola mais justa e democrática, principalmente se falando de arte- que precisa de expressão.

Em meus anos como aluna de educação básica na escola pública também vivenciei uma aula de arte antiquada, com professoras muitas vezes nem formadas na área. Nós costumávamos fazer muitas releituras sem um sentido para além disso, fazíamos trabalhos prático sem conteúdo por trás, lembro de ter uma professora que

cobrava “técnica perfeita” de nós alunos do ensino fundamental.

O teatro e a música na escola para eu e meus colegas surgiu como uma maneira mais livre de se expressar artisticamente, principalmente por ser de iniciativa de nós estudantes como proposta de apresentação em eventos escolares.

Minha experiência pessoal hoje, como futura professora de artes e artista me faz refletir que apesar de já termos evoluído muito comparando-se a época de ditadura.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) é um documento publicado em 2017, com o intuito de promover o direito de aprendizagem e desenvolvimentos dos jovens e crianças da educação básica. Temos algo que assegura para além da LDB um ensino da arte com mais cultura e liberdade, ainda precisamos de um longo caminho para se conquistar de fato essas visões libertárias

Hoje planejamos a aulas com embasamento nela, nos estágios e laboratórios de ensino da arte na faculdade sempre a usamos, e percebo como ela traz a importância de ensinar culturas e pluralidade, fugindo do padrão antigo de ensino da arte euro-centrado. Sendo assim o documento prevê e garante ao professor um ensino da arte muito mais aberto e amplo do que o da época da ditadura cívico militar.

Em 1985 já se decorria tendências progressistas no Brasil, visando um futuro promissor em relação a uma educação mais crítica:

A partir dos anos 80, acreditando em um papel específico que a escola tem com relação a mudanças nas ações sociais e culturais, educadores brasileiros mergulham em um esforço de conceber e discutir práticas e teorias de educação escolar para essa realidade. Conscientizam-se de como a escola se configura no presente, com vistas a transformá-la rumo ao futuro. E nos convidam a discutir as ações e as ideias que queremos modificar na educação em arte, como um desafio e compromisso com a transformação da sociedade.” (Ferraz, e Fusari, 2009, p 54).

Mas foi realmente na LDB de 1996 que houve mudanças na legislação, seguimos ela até hoje, leis foram inseridas através dos anos, na busca de inovação do sistema de ensino, esse documento traz ideias diferentes da antiga, falando de liberdade e democracia. E mesmo assim tantos anos depois muito do passado autoritário permanece.

Outras mudanças acontecerem entre a LDB de 1971 e a LDB de 1996, um exemplo disso é o investimento financeiro: a LDB de 1971 não previa investimento da união para a educação, apenas 20% dos municípios, que hoje em dia se transformou

em 25%, já a União deve investir 18%.

Os graus de ensino mudaram, antes divididos em primeiro grau- como anos primários e segundo grau- como ensino médio, agora temos: educação infantil, anos iniciais, ensino médio e ensino superior todos juntos na mesma lei. A LDB de 1996 aumenta os dias letivos para 200, e sobre a educação superior mostra conceitos atuais instigando o pensamento crítico:

VI – Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

Incentiva também a pesquisa nas universidades,

III – Incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

A LDB de 1996 ainda fala bastante sobre preparar o aluno para o trabalho- em consonância com a teoria tecnicista, porém há um desenvolvimento diferente e mais progressista, outro exemplo disso é a obrigatoriedade de professores mais capacitados, a LDB de 1971 previa que os professores que lecionassem para os quatro primeiros anos do primeiro grau tivessem formação no segundo grau, para os últimos anos do primeiro grau e para o segundo grau era então necessário formação superior, já na nova LDB, para a educação infantil e ensino fundamental:

Art. 62º. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal

Para o ensino médio e superior é necessário também, obviamente a graduação, porém há um plano de carreira do estado para que quanto mais o profissional da educação estude, mais receba.

Em 1996 surgiu também “Os Parâmetros Curriculares Nacionais” para o ensino fundamental trazendo para a legislação a obrigatoriedade de melhorar o ensino da arte em alguns importantes aspectos, como por exemplo obter professores formados em arte para lecionar. Os Parâmetros também traziam ideias inovadoras, com a participação de professores em sua escrita, a intenção era de também trazer inovação e cultura,

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram propostos como diretrizes

pedagógicas e considerados um referencial importante para a educação escolar no país, por seu compromisso de assegurar a democratização e um ensino de qualidade para todos os estudantes.”
(T. Ferraz e Fusari, 2009, p.54.)

Foi também dentro dos estágios que tive a experiência com professores que não eram formados em arte lecionando, algo que me marcou foi a experiência com o ensino médio, onde a professora era na verdade formada em letras e por falta de professores teve de assumir o espaço das aulas de artes. Nesse último estágio já em 2024/01 tive a experiência em sala de aula no segundo ano do ensino médio com uma professora formada em educação artística com pós em história da arte que trás em suas aulas propostas com conteúdo e liberdade de criação, além de ter o costume de perguntar aos alunos sobre o que pensam dos trabalhos dando opções de participação ativa deles em sala de aula. São exemplos assim que me fazer mais feliz em relação a minha pesquisa, com a esperança de com o tempo acabarmos com os reflexos do período ditatorial em nossas escolas.

Espero que com o tempo possamos ver a educação de arte cada vez mais valorizada e entendida como algo essencial na formação do indivíduo na educação, com professores formados e atuando dentro da área.

O último desvio de percurso segue a mesma pergunta, pois era essa a ideia, ver as diferentes respostas ao mesmo questionamento. Fiz essa então, ao meu professor do curso de desenho extra/curricular feito no primeiro semestre de 2024 como busca de aperfeiçoamento dessa técnica que gosto muito ao mesmo tempo que usado para completar minhas horas complementares. Percebi apenas nesse último desvio que todas as pessoas entrevistadas eram coincidentemente professoras.



censurado

DESVIO DE PERCURSO 3, JORGE:

Jorge, artista e professor de desenho, 65 anos, mora em Torres, estudou em Porto Alegre.

“Ensino das artes era lamentável, acho que era “trabalhos manuais”, não se tinha nenhuma contextualização, nenhuma referência de obra, a gente não conhecia nada dos artistas, a arte praticamente não existia, e isso que era uma escola paga, o colégio Farroupilha. Era muito forte nas extas e português, mas tudo que envolvia humanas “era triste”, inclusive as relações humanas dentro da escola eram a base do bullying, e os professores nem aí.”

PROJETO DE CURSO

Título: Ensino da arte no período cívico militar- o que ficou no presente?

8.1 EMENTA:

A importância de relembrar a história brasileira do período ditatorial como maneira de educar sobre democracia utilizando também da arte como fonte histórica e meio de expressão.

8.2 CARGA HORÁRIA

4 h/a.

8.3 PÚBLICO ALVO

Estudantes de licenciatura em artes visuais

8.4 JUSTIFICATIVA

Este projeto tem como objetivo informar sobre como a ditadura cívico militar modificou o ensino da arte para os estudantes de licenciatura, fazer com que eles olhem para o passado no intuito de entender o percurso de arte e educação para assim formar professores conscientes de seu espaço como seguradores de uma escola democrática e aberta para ensinar cultura e expressão nas aulas de arte.

“As correlações dos movimentos culturais com a arte e com a educação em arte não acontecem no vazio, nem desenraizadas das práticas sociais vividas pela sociedade como um todo. As mudanças que ocorrem são caracterizadas pela dinâmica social que interfere, modificando ou conservando as práticas vigentes.”
(Ferraz, Fusari, 2009, p.38)

É seguindo essa linha de pensamento que quero mostrar como a política caminha junto com a ideologia de educação de cada época, nada acontece separado, então para assegurar uma educação de qualidade precisamos de um estado de qualidade, aberta e livre para a arte, e sendo assim é importante que nós, professores estejamos no dia-a-dia escolar ensinando para os futuros jovens a importância de poder se expressar e escolher governantes que tenham isso como prioridade dentro do governo.

8.5 OBJETIVO GERAL

Explicar os reflexos da ditadura cívico militar para o ensino da arte na educação básica no Brasil para os futuros professores de arte.

8.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Demonstrar como a ditadura influenciou no ensino da arte na educação básica.
- Explicar o porque é importante entender a história da arte e a história da educação para assim compreender melhor o momento atual.
- Trazer reflexões sobre censura, liberdade, expressão e como isso se aplica em sala de aula.

8.7 METODOLOGIA

Acontecerá uma viagem para São Paulo no intuito de visitar o “Memorial da Resistência” e assim de maneira bem dinâmica e visual mostrar para os alunos através de exposições um pouco do que foi vivido na época. 2h/a. Após isso faremos um piquenique no parque Ibirapuera ouvindo uma playlist de músicas que falam sobre a repressão da época, perguntarei as impressões deles sobre o memorial, qual era a ideia que já tinham sobre o assunto antes e agora. Depois falarei um pouco sobre o assunto no intuito de informá-los mais e novamente abrirei para perguntas e discussão. 2h/a.

COMO NOSSOS PAIS: CONCLUSÃO

Minha dor é perceber
 Que apesar de termos feito tudo, tudo
 Tudo o que fizemos
 Nós ainda somos os mesmos
 E vivemos
 Ainda somos os mesmos
 E vivemos
 Ainda somos os mesmos
 E vivemos como os nossos pais. (Como Nossos
 Pais, Antonio Carlos Belchior, 1976)

Eu ainda escuto as mesmas músicas que meus pais ouviam, sonho com mudanças e liberdade vestindo a camiseta da minha geração que é outra vez e como sempre tão diferente, mas apesar de soar irônico, também é, para mim, muito bonito, porque quer dizer que esse “sonho” continua, a vontade de perseverança para reformas no nosso sistema para só assim obter melhora na vida das pessoas é um dos grandes que me move enquanto estudante e professora.

Nesse trabalho me deparei com a singularidade de pesquisa e realidade, os relatos contavam exatamente através de vivências o que vi nos livros, a experiência com estágios nas escolas ao longo dos cursos também mostrou diretamente o reflexo que a legislação brasileira tem perante a educação.

Lutar por políticas públicas de qualidade é necessário para consequentemente os setores da sociedade serem também de qualidade e esse trabalho fala diretamente sobre isso- como a estrutura política que vem logo após as ideologias influenciam a vida das pessoas, e quando falando de educação podemos ver essa influência por anos, pois, a maioria de nós está ligado ao sistema, mesmo que apenas na infância.

A Ditadura Cívico Militar que corroeu nosso país por longos 21 anos, além de causar diretamente dor seja por mortes, desaparecimentos ou até mesmo tortura, também travou uma batalha com a expressão de diversos setores da sociedade, Arte é expressão, expressão de culturas, sentimentos, ideias que transmitem genuinamente vivências de pessoas, e um povo que não pode se expressar não tem voz.

A educação passou por movimentos diferentes ao longo de sua história e durante a ditadura com a teoria tecnicista buscou fazer com que os alunos fossem força de trabalho para suprir não somente um estado que precisa de gente sem

questionamentos como também para a mão de obra que tentava manter as grandes indústrias norte americanas no país.

Com o fim desse período conseguimos obter maiores avanços na educação com liberdade e inovação através da LDB de 1996, pois, só se muda de fato o sistema através de sua estrutura, sendo assim é necessária uma legislação que nos assegure essa liberdade. Apesar disso na experiência prática de estágios ainda percebo resquícios em comportamentos de professores que se veem como uma autoridade sem abertura para diálogos.

A educação deve ser democrática, feita em torno da comunidade, olhando para contextos individuais e sociais, a arte/educação deve ser expressiva, rica em cultura e conteúdo. Espero poder trazer ao máximo possível esses valores dentro da sala de aula, buscando melhorar a experiência escolar do aluno e formar cidadãos que pensam, criticam e se expressam.

REFERÊNCIAS

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Primeira Edição. Porto Alegre: Zero Hora, 1999.

BUENO, Eduardo. **História do Brasil**. Sexta Edição. Porto Alegre: L&PM, 2013.

BAIA, Silvano Fernandes. **A linhagem samba-bossa-MPB: sobre a construção de um discurso de tradição da música popular brasileira**. Disponível em: <SciELO - Brasil - A linhagem samba-bossa-MPB: sobre a construção de um discurso de tradição da música popular brasileira A linhagem samba-bossa-MPB: sobre a construção de um discurso de tradição da música popular brasileira>. Acesso em: 15 de maio 2024.

SILVA, Marlon de Souza. **O povo na obra de Maria Bethânia: Uma Análise do Espetáculo** **Opinião**. Disponível em:< 1529373670_ARQUIVO_OpovonaobradeMariaBethania-artigo.pdf (anpuh.org)> Acesso em: 21 de maio de 2024

LUNARDI, Rafaela. **Elis Regina: Entre o canto e a política na década de 1970**. Disponível em: <(PDF) Elis Regina: entre o canto e a política na década de 1970 | Carlos Mendes - Academia.edu> Acesso em 21 de maio de 2024.

FEITOSA, Therense Santiago Alves. **Pop Filosofia: pós-modernidade e a produção de sentidos nas letras da banda Titãs**. Disponível em: <Vista do Pop Filosofia: pós-modernidade e a produção de sentidos nas letras da banda Titãs (uerj.br)> Acesso em 30 de maio de 2024.

ARAUJO, Rita de Cássia Barbosa, **O voto de saias: a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política**. Disponível em: <SciELO - Brasil - O voto de saias: a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política O voto de saias: a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política> Acesso em 2 de maio de 2024.

LDB. Brasília, Brasil, 1961.

LDB. Brasília, Brasil, 1971.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**, 2017.

PEIXOTO, Enock da Silva. NUNES, Luiz Fernando. **Reflexões sobre a educação tecnicista no Brasil: análise crítica do passado para pensar o presente.**

Disponível em: <REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO TECNICISTA NO BRASIL: ANÁLISE CRÍTICA DO PASSADO PARA PENSAR O PRESENTE. | Plataforma Espaço Digital (editorarealize.com.br:)]>Acesso em 30 de abril de 2024.

FERRAZ, Maria Helóisa C de T. FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do Ensino da Arte.** Terceira Edição. Cortez Editora, São Paulo, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil.** Sétima Edição. São Paulo, 2019.